

Dia de Decisão

Uma crônica de Pedroom Lanne

O almoço

Terça-feira sempre foi um dia especial. Desde que Roberto e Júlia haviam se separado, era o dia de almoçarem juntos com seus filhos, Will, o caçula, quatro anos mais novo que a irmã Sandrinha, de 14 anos. O casal de irmãos vivia com a mãe e estudava na mesma escola, um colégio na zona oeste de São Paulo. Desde que seus pais se separaram quando eram bem pequenos, moravam em uma casa de uma vila em um bairro também chamado de Vila. Os dois estudavam pela manhã e, todos os dias, voltavam da escola juntos de ônibus na hora do almoço, pouco antes do pai chegar, então ficavam na sala assistindo televisão enquanto o esperavam para almoçar.

A expectativa para o almoço com o pai era grande, ele sempre chegava de bom humor e trazia gibis de presente para os filhos, o Cebolinha para Will e a Mônica Jovem para Sandrinha. Eles se abraçavam e beijavam, conversavam um pouco, às vezes dava tempo de ir ao quarto de um dos filhos, dos dois se possível, para se inteirar das novidades ou brincar até que a mãe os chamasse à mesa.

Todavia, essa terça-feira era mais especial do que as outras, pois era a primeira terça-feira de outubro. Para as crianças, era dia de mostrar o boletim da escola para o pai com as notas do terceiro bimestre de aula. O que talvez não fosse tão especial caso as notas dos filhos fossem boas, mas, de antemão, os pais sabiam que neste bimestre as coisas não iam tão bem como antes. Da parte de Will não havia qualquer problema com a escola, já Sandrinha corria o risco de perder o ano – pelo menos era o que havia alertado sua professora orientadora para Júlia ao telefone cedo pela manhã, expressando preocupação com a queda de desempenho nas aulas e nas provas do terceiro bimestre de sua filha.

A situação era preocupante, tanto que, nessa terça-feira especial, Roberto havia chegado mais cedo, antes que seus filhos, para conversar com a ex-esposa sobre a situação de Sandrinha. Mas, para o pai, apesar dos problemas da filha com as notas, o dia era ainda mais especial, pois além dos gibis que sempre trazia, ele tinha outra surpresa para a família. Uma surpresa que foi logo revelando com um sorriso no rosto assim que chegou e foi até a cozinha cumprimentar Júlia que lá estava ajudando a diarista a preparar o almoço.

– Consegui os ingressos para o jogo do Coringão! – disse Roberto com alegria. Em seguida, cumprimentou Júlia com um beijo e mostrou os quatro tickets que tinha na mão. A ex-esposa sorriu e disse: “Que bom”. Um pouco mais sério, Roberto coçou a barba e perguntou:

– Como você sabe que vou com as crianças, tenho obrigação de perguntar se quer ir conosco... – falou em um tom insinuante, pois já imaginava qual seria a resposta de Júlia:

– Você sabe que eu torço pro Tricolor...

– Então posso ir com a Márcia? – perguntou se referindo a sua atual namorada, que também torcia pro Coringão como seus filhos.

– Claro que pode, Beto. Nem sei por que pergunta. Sabe que jogo de futebol pra mim só pela televisão.

– Mas é na nova arena.

– E daí?

– E daí que paguei uma fortuna por esses ingressos para finalmente conhecemos a nova casa do Coringão – disse Roberto sem que Júlia expressasse algo. Ela não tava nem aí para isso, preocupava-se era com o problema da filha, por isso, assumiu um tom sério e falou encarando o ex-marido:

– Sei... Mas, escute. Você não chegou mais cedo pra falar de futebol, né? Vamos conversar?

– Sim, vamos... – anuiu Roberto.

Júlia deixou o almoço aos cuidados da diarista e os dois se dirigiram à sala de estar, Roberto sentou no sofá logo atrás da janela que dava para rua, de onde podia observar a vila ao fundo. Júlia se sentou em uma poltrona em sua frente e foi logo despejando:

– A Sandrinha vai perder o ano.

– É tão grave assim a coisa? – perguntou Roberto, espantado. – Já sabe como foram as notas?

– Fraco e Insuficiente em todas as matérias. Até em educação física.

– Insuficiente?! – desacreditou Roberto, àquela era a pior nota possível dentro do sistema de avaliação da escola. – Mas ela tava indo tão bem... É por causa do namorado, né?

– Pelo que a professora Estela me falou no telefone, tudo indica que sim – comentou Júlia. Em seguida, detalhou a conversa que teve com a orientadora da filha: – Ela disse que nas últimas três semanas a Sandrinha têm se desligado das aulas

gradualmente, e que nessa última agora a coisa só piorou, hoje ela foi expulsa do treino pela segunda vez.

– Por quê?

– Por ter brigado com uma coleguinha *mais uma vez* – revelou Júlia com preocupação na voz.

– Mais uma vez? Mas ela não foi advertida?

– Foi, mas eu não tava sabendo da advertência até a professora Estela telefonar.

– Mas quando foi isso?

– Na sexta-feira passada.

– Como assim? Ela não tem que levar a advertência assinada no dia seguinte? Então como ela assistiu aula ontem, na segunda?

– Suponho que tenha falsificado minha assinatura. A Estela contou que ela cabulou aula ontem e só apareceu hoje com a advertência assinada. Mas brigou no treino de novo, foi expulsa da quadra e ficou com falta em educação física. Por isso que ela achou por bem me telefonar, aí me alertou sobre as notas... E quer saber? Acho que ela só foi hoje pra escola porque sabia que era o dia do boletim, tá na cara que ela vem me escondendo as coisas – desabafou Júlia.

Roberto ficou boquiaberto, sequer tinha notado alguma mudança no comportamento da filha nas últimas semanas quando veio almoçar. Exceto no antepenúltimo fim de semana, quando convidou os filhos para um passeio ao pico do Jaraguá, estranhou o pouco entusiasmo de Sandrinha, que preferiu ficar em casa assistindo TV – ela que sempre adorou passear com o pai, mais até do que Will, que mais gostava de brincar com os amigos da vila do que sair com o pai dependendo do passeio. Mas nesse dia, só Will quis acompanhar o pai. Quando Roberto foi buscá-lo pela manhã, conversou brevemente com Júlia, foi então que a mãe revelou que Sandrinha estava deprimida, tinha brigado com o namorado: um colega da classe de cima, um menino chamado Jonas. Mas, até então, Roberto imaginava que Jonas fosse mais um “amiguinho” de sua filha do que um namorado. Pensou que o mau humor da filha não passasse daquele domingo, que logo faria as pazes com ele ou o deixaria pra lá, então ficaria tudo bem. Com isso em mente, questionou:

– Então o rolo com o Jonas era mais sério do que imaginamos?

– A menos que tenha outro carço nesse angu, eu acho que sim – ponderou Júlia.

Em seguida, a mãe falou sobre as conversas que teve com Sandrinha no decorrer das últimas semanas, quando a filha contou sobre a briga com o namorado e assumiu

que estava triste por causa disso. Apesar de terem tocado no assunto algumas vezes, notou que a menina andava meio tristonha, mas, até onde estava sabendo, ela parecia estar cuidando direitinho das lições de casa, dos trabalhos da escola e dos estudos para as provas.

– Ela esteve fingindo que estava estudando, só pode. Se não, como pode aparecer com umas notas assim? – questionou Júlia ao ex-marido. Roberto concordou. Os dois então combinaram que conversariam com ela assim que chegasse da escola antes de se sentarem à mesa. Enquanto esperavam os filhos, Júlia retornou para a cozinha e Roberto permaneceu na sala lendo jornal.

Mas, assim que Will apareceu na janela fazendo festa para o pai, ficou claro que aquela terça-feira não seria mesmo como as outras. Sandrinha entrou de supetão pela porta assim que a diarista a abriu. Mal olhou para o pai quando ele a cumprimentou e mostrou o gibi da Mônica Jovem que tinha nas mãos, de cara amarrada, foi reto para seu quarto.

– Ela brigou na escola – foi logo “dedando” Will, correndo para os braços do pai para cumprimentá-lo e pegar seu gibi do Cebolinha.

– Tô sabendo – disse o pai. Em seguida, pediu licença ao filho e se dirigiu até a cozinha para relatar o que tinha se passado. Frente à irritação demonstrada pela filha, Júlia achou melhor conversar com ela e sondá-la a sós antes de conversarem com o pai.

Sandrinha estava trancada no quarto, ao ouvir a mãe bater, falou em voz alta:

– Me deixe só! – apesar da estridência nas palavras, claramente com a voz embargada pelo choro. A mãe insistiu e Sandrinha, após um breve suspense, abriu a porta com lágrimas nos olhos. Uma vez que estavam ambas dentro do recinto, trancou novamente a porta e, para espanto da mãe, disse com todas as palavras:

– Mãe, eu acho que fui estuprada.

A revelação

– Como assim, filha? Me diga o que aconteceu... – perguntou Júlia, com desespero na voz. Constrangida e mal contendo os soluços, Sandrinha respondeu:

– O Jonas, mãe... – hesitou. – Acho que ele me estuprou.

– Como *acha*, minha filha? Você precisa me contar direitinho o que se passou.

E a filha contou tudo. Entre lágrimas de tristeza e mistos sentimentos de vergonha e inconformismo de ambas as partes, carinhos e abraços, frases suaves e ásperas, Sandrinha se abriu para a mãe. Sabia que era preciso, que não podia mais esconder o que se passava ou disfarçar seus sentimentos, não só, havia galgado um limite que apenas o colo da mãe poderia apartar o desespero que até então guardava para si. Durante o papo, a mãe se mostrava completamente pasma, pois, como o pai, até então achava que o namoro da filha não fosse além de andar de mãos dadas e dar uns beijinhos. Já a filha, a princípio, estava corada e tímida ao se abrir tão francamente como nunca antes havia se permitido, ainda assim, pelo estresse da situação, às vezes se irritava e respondia com rispidez por certa “carentice” da mãe ou algumas afirmações embaraçosas, envergonhada como estava a menina no momento.

– Pô, mãe... Só *beijinho*?! Se hoje tem até música? – irritou-se a filha, então cantarolou: – “*Beijo na boca é coisa do passado. A moda agora é... É namorar pelado*”.

E foi o que fizeram, Sandrinha e Jonas, namoraram pelados. Os dois estavam paquerando desde o começo do ano e namorando praticamente desde o início do segundo semestre. Mas pelo que considerava como namoro “pra valer”, coisa de dois meses, justo quando namoraram pelados pela primeira vez.

– Mas vocês transaram ou ele te estuprou, filha? – A filha, irritada, levantou a voz brevemente, depois se conteve, temendo que alguém ouvisse do lado de fora da porta.

– *Não sei se é isso, mãe.*

Verdade que, no começo, eles só “brincaram”. Beijos, carícias especiais até que, com os hormônios a flor da pele e apaixonado como estava o casal, Jonas propôs abertamente que fizessem sexo. Estava na hora de ambos perderem a virgindade. Sandrinha também estava louca para transar com ele, mas tinha medo de ficar grávida. Quanto a isso, chegaram até a conversar a respeito de usar camisinha, porém, dizia o namorado:

– O legal é sentir como nós realmente somos: na pele. Você quer que sua primeira transa seja com gosto de borracha? – ademais, camisinha dá assadura, segundo dizia, melhor seria se ela tomasse pílula.

Mas para tomar pílula, Sandrinha precisava passar por um ginecologista, teria de falar com a mãe e tudo isso parecia tão embaraçoso. Da parte dele, embora não tenha apresentado nenhum exame, Jonas atestou que consultou um urologista e que estava “limpo”, inclusive o teste de AIDS deu negativo. Enquanto não se decidiam, eles

continuaram “brincando”, cada vez um pouco mais. Sem camisinha ou pílula, tiveram de improvisar.

– Como “improvisar”? Diga de uma vez, filha. Não tenha vergonha – Mas para a filha, era impossível não ter vergonha, ao menos não com a mãe. Ainda assim, tentou explicar:

– Ele foi me ensinando. Você sabe... Primeiro com as mãos... Aí depois você vai assim... – disse ela abrindo a boca levemente.

– Vocês fizeram sexo oral?

– Dãrr... Sim – confessou a *jovem*, já estava claro que havia deixado seus tempos de menina para o passado. – Depois ele fez com o dedo... Fez do outro jeito, sabe como é, né?

– Com o dedo, filha? Ele pôs o dedo lá? Mas chegou a... Sangrar? – titubeou Júlia ao perguntar, então preferiu dizer com todas as letras: – Ele te tirou a virgindade com o dedo, é isso?

– Não, mãe! Claro que não. Eu não sou tão burra assim, *viu*? Sei bem como é perder a virgindade, ele pôs o dedo no... Outro lugar.

– Outro lugar? Você diz no...

– *É!* – respondeu Sandra, irritada. – No outro lugar e depois com o... – interrompeu a fala ao se dar conta do que ia revelar.

– O pinto?

– *É!*

– Atrás? Digo... Anal?

– *É!!... E depois na frente.*

– Sem camisinha?

– Sem nada, mãe, num falei, ô!

– Tá filha, calma. E por que você diz que foi estuprada?

– Porque eu não queria, mas a gente já tinha feito do outro jeito algumas vezes, e ele ficou insistindo... Queria roçar um pouquinho. Mas, na última vez, ele forçou, começou a doer muito, aí saiu sangue. Eu pedi pra ele parar, mas ele continuou, repetia “só mais um pouco”, “só mais um pouco”... Tava doendo, depois ficou bom, eu pedi pra ele parar. Então ele... Acho que gozou e parou – falou timidamente, depois foi franca: – Acho não, ele gozou sim.

– Como tem certeza?

– Porque eu tô grávida – enfim revelou toda a verdade.

Nesse instante, Júlia ficou muda, não sabia o que pensar, se brigava com a filha ou amaldiçoava a si mesma, sentiu que havia falhado em seu papel de mãe. Não alertou a filha sobre os pormenores de uma relação íntima, não a preparou corretamente para lidar com uma situação como ela acabava de narrar. Bem verdade que, depois que ela virou mocinha, já havia conversado sobre sexo com a filha, inclusive havia lhe dado um livro didático voltado para pré-adolescentes que falava de namoro, sexo e reprodução. As duas debateram a respeito: como se dava o ato sexual, o ciclo menstrual, a gravidez, os métodos anticoncepcionais e tudo mais. Daí imaginar que a filha já praticasse sexo anal ia uma larga distância. Saber que ela estava grávida então... Era um grande choque.

– Mas como você pode ter certeza disso? Tá contando seus ciclos direitinho?

– Eu fiz um teste de farmácia.

– E como você sabe que tá correto?

– Orra, Mãe! Você acha que eu não sei ler uma bula e fazer um teste?? O resultado deu positivo.

Um pânico momentâneo tomou conta de Júlia. As duas continuaram a conversa, a princípio, a mãe acreditava na versão da filha sobre o estupro, depois ficou claro que a coisa não era bem assim. Sandrinha havia cedido à vontade do namorado, mas ele não a havia agredido ou mesmo a segurado a força, no máximo, forçado um pouco a barra, mais na *lâbia* do que qualquer coisa, ainda assim, o arrependimento da filha e as conversas que teve a respeito do caso com a sua melhor amiga da escola a levaram crer que a situação fosse um estupro. Ao confrontar Jonas, os dois acabaram discutindo e brigando feio, desde então, ele não queria mais papo, vinha evitando qualquer contato com ela na escola. Sandrinha não sabia mais como agir com ele.

– Foi por isso que você brigou com a Camila?

– Sim, ela ficou insistindo pra eu contar pra Estelona – disse em referência a orientadora. – Ameaçou de contar pra ela e pra nossa técnica – a professora de vôlei.

– Mas precisava bater nela?

– Precisava! Ela ficou insistindo com o assunto. Não me deu força quando o pessoal quis tirar sarro de mim porque eu briguei com o Jonas. É uma falsa ela! – disse Sandrinha com raiva, no fundo, Camila era uma invejosa, pensava a jovem. No começo, ela até incentivava, assistiam aos filmes na Internet juntas, ela que sugeriu fazer do outro jeito, mostrou como era, depois ficou criticando. Aí veio com esse papinho de seriado da TV dizendo que se ela não queria fazer na frente era estupro, “Se você fala

não, ele tem de parar na hora”, insistia em afirmar, o que só deixava Sandrinha mais preocupada. Quando fez o teste de gravidez, Camila também ameaçou dedar pro Jonas.

– Eu tô de bode com essa garota – disse Sandrinha.

– Então o Jonas não tá sabendo de nada. Você não pretende mais falar com ele? – retomando o choro, Sandrinha disse:

– Não sei, mãe. Realmente não sei.

A dúvida permaneceu, pois não havia, de instante, tempo para saber o que fazer, a diarista bateu na porta interrompendo o drama de mãe e filha, o almoço estava servido. As duas retomaram a compostura, enxugaram os olhos e, antes de se juntarem ao resto da família, Júlia combinou com a filha que nada revelassem ao pai sobre a gravidez.

O exame

Durante o almoço, Roberto não deixou de notar a preocupação de sua ex-esposa e a cara de poucos amigos da filha, que permaneceu calada quase o tempo todo. Somente Will estava festivo e bem-humorado com a presença do pai, especialmente após saber que ele tinha conseguido comprar os ingressos para o jogo do Coringão. Apesar do desânimo, o único momento em que Sandrinha demonstrou algum entusiasmo foi, justamente, ao confirmar para o pai que queria muito conhecer a nova arena de seu time de coração. Estranhamente, ainda que demonstrasse euforia, Will estava com medo de ir ao jogo.

– E se o Coringão perder? – perguntou temerosamente o garoto.

– Não vamos perder – afirmou o pai com convicção.

– Mas é contra o Verdão, pai – sim, o jogo era contra o Verdão, o arquirrival do Coringão, considerado o melhor, além de mais rico time do país. Nas últimas rodadas, o Coringão havia perdido pontos na tabela do campeonato, se fosse derrotado no jogo, perderia a liderança para o Verdão, então, muito provavelmente, não mais alcançaria o arquirrival na pontuação, já que faltavam poucas rodadas para o encerramento do campeonato. Por outro lado, se vencesse o jogo, o Coringão abriria seis pontos de vantagem do Verdão e dificilmente deixaria a conquista escapar, em função disso, o jogo era decisivo.

– Não se preocupe, filho. Com nossa presença na arena, o Coringão vai vencer, afinal, somos pé- quente, não somos? – O garoto concordou e até Sandrinha sorriu perante o entusiasmo do pai.

Ao término do almoço, Roberto e Júlia conversaram brevemente a respeito da situação da filha. A mãe não revelou nada a respeito do que ficou sabendo e da possível gravidez de Sandrinha, antes de mais nada, queria ir ao médico realizar um exame de ultrassom para confirmar o fato antes de contar ao ex-marido. Júlia apenas pediu paciência e disse que a filha estava vivenciando sua primeira grande frustração amorosa, mas que estavam conversando e que o ano escolar ainda não estava perdido. Se Sandrinha recuperasse as notas no último bimestre, ainda dava pra passar de série nem que tivesse de fazer recuperação em algumas matérias durante as férias.

Mais tranquilo após a conversa com a ex-esposa, Roberto foi embora. Sem perder tempo, Júlia pegou sua filha para levá-la ao médico e fazer o tal exame de ultrassonografia.

O problema foi driblar a burocracia do plano de saúde, para isso, Júlia precisou recorrer ao médico da família, o pediatra de seus filhos, e inventar uma história para conseguir uma autorização para o exame. Sandrinha não queria que seu médico desde bebê ficasse sabendo que estava grávida, Júlia precisou fingir que o exame era para si e não para a filha. Ainda assim, no laboratório, teve de passar por certo constrangimento quando a médica que realizaria o exame percebeu a situação, que Sandrinha estava se passando pela mãe.

Compreensiva com o pequeno drama entre mãe e filha, a médica apenas fingiu não ter notado algumas discrepâncias na guia do exame e procedeu com o exame na garota.

A sós com a médica na sala de ultrassom, Sandrinha não tirou os olhos da tela de imagens enquanto ela passava o aparelho em seu abdome. Com brilho nos olhos, observou a imagem do pequeno caroço dentro de seu útero quando a médica delineava o que seria a cabeça do embrião que carregava no ventre. Nesse instante, Sandrinha deixou escorrer algumas lágrimas de emoção. Percebendo a emoção da paciente, com um tom fraternal, a médica falou:

– Hum... Você tão mocinha, já com um bebê na barriga... – frente às palavras, o choro de Sandrinha se intensificou. – Você já sabe o que vai fazer com esse bebê? – questionou a doutora. Um pouco hesitante, a jovem paciente respondeu:

– Não tenho certeza ainda...

– Saiba que, não importa o que te digam, essa é uma decisão que só cabe a você... – insinuou a médica. Sandrinha, apesar de bastante jovem ainda, não era boba, sabia que a médica se referia a um possível aborto, por isso, foi direta:

– O que você acha, doutora? É correto abortar? – Sem dizer nem que sim, nem que não, a médica se resumiu em manifestar:

– Você sabe que existem contraceptivos que poderiam ter evitado essa gravidez prematura.

Após a consulta, a médica foi questionada por Júlia a respeito de um possível aborto. Apesar de ter deixado claro seu posicionamento contrário ao tema, a doutora atestou a gravidez de Sandra e estipulou um prazo de uma semana para que o processo fosse executado por medicamento, caso contrário restaria apenas o procedimento operatório, mais invasivo e traumático para a paciente, além de arriscado, suscetível a complicações. Por questões éticas, a médica se recusou a fornecer uma receita, tão pouco informou como, onde ou a quem Júlia poderia recorrer.

De volta pra casa, Júlia recorreu à Internet para se informar. Em sua cabeça, o aborto imediato era a única escolha para sua filha. Sandrinha não tinha tanta certeza:

– A vovó jamais concordaria com isso – disse em referência a mãe de sua mãe, uma mulher religiosa que costumava dizer que aborto é pecado mortal. Júlia não tinha ideia quando a filha teria escutado isso da avó, tão pouco partilhava da mesma fé dela, por isso, se fez imperativa perante a hesitação de Sandrinha:

– Filha, você não tem escolha. Precisa interromper essa gravidez já antes que mais alguém fique sabendo. Seu pai jamais permitiria você estragar sua vida por uma coisa dessas. Você ainda é muito criança pra sequer *imaginar* o que é criar um filho nessa idade.

– O papai não pode ficar sabendo! – disse Sandrinha, nervosa.

– É claro que não. Se contarmos pra ele, ele vai querer ir na polícia mandar prender teu namorado. Vai ser um escândalo.

– Você promete que não vai contar nada pra ele, promete?

– Prometo. Mas de nada adianta se não interromper a gravidez, se não uma hora ele vai ter que ficar sabendo – disse a mãe.

– Mas o Jonas tem que ficar sabendo. Não vou decidir nada antes de falar com ele – arredou o pé a jovem.

Nesse instante, mãe e filha começaram a brigar. Júlia insistindo que o único caminho era o aborto, Sandrinha argumentando que precisava pensar melhor e falar com

o namorado. Na cabeça da jovem, imaginava, se o namorado ficasse sabendo, talvez eles pudessem se casar e criar o filho. Com ajuda dos pais, terminariam a escola, depois iriam morar juntos, fazer faculdade e trabalhar para manter a família, se tudo desse certo, poderia ser jogadora de vôlei profissional e sustentar todo mundo. Verdade que a garota ainda era apaixonada pelo namorado, queria a qualquer custo retomar a relação, por isso, ao menos nesse instante, a gravidez lhe parecia um incentivo para que isso acontecesse, pouco importava o que dizia e bronqueava sua mãe.

Uma dúvida cruel

No dia seguinte as coisas mudaram de figura quando não só Sandrinha, mas também Will, retornaram da escola, juntos como sempre, entretanto, mais cedo do que de costume: os dois haviam se envolvido em brigas e acabaram tomando suspensão, por isso foram autorizados a tomar um Uber para casa antes do término do dia letivo.

Que Sandrinha tinha muitos problemas em sua cabeça, a mãe já sabia. Mas, em relação ao caçula, jamais esperava tal comportamento justo naquele momento.

– Até você, Will! Poxa, filho. Tá querendo imitar sua irmã? Por que essa agora de brigar assim? – questionou Júlia ao confrontar o filho.

– Foi aquele *puto* do Armando! Ele que começou... – Armando era coleguinha de classe do filho, torcedor do Verdão. Os dois viviam discutindo e zombando um do outro por causa de futebol, já tinham brigado algumas vezes anteriormente.

– Filho! Olha essa boca, isso é jeito de falar?

– Não, mas mãe, foi ele que falou. Ele que provocou. Tudo porque eu disse que o papai conseguiu os ingressos pro jogo do Coringão. Ele ficou com raiva e me xingou – disse Will, falando rapidamente.

– O que ele disse?

– Falô que eu sou mortadela, que vou dar azar e o Coringão vai perder. Ficou contando mentira pra todo mundo, disse que o estádio vai desabar e que se eu for, eu vou morrer.

– Que bobagem, meu filho. Você ficou bravo por isso? Vê se pode... – expressou Júlia, contendo a risada, afinal, o momento era para bronca e não risos.

– Pode sim! Ele e os puxa-saco dele falaram que a arena é roubada, que o presidente roubou o dinheiro pra dar pro Coringão construir, que ele tá preso por isso. Falou que o estádio foi feito num lixão.

– Aí, filho. Essa história é complicada, num é bem assim a coisa, esses meninos tavam só querendo te aborrecer...

– Mas aí ele, o Armando, ficou me xingando, falou que eu era ladrão também, falou que a arena é uma aberração, um *aborto* do futebol, ele falou – nesse instante, Júlia teve um leve arrepio, como se Will estivesse sabendo de algo, mas era só uma estranha coincidência. Não bastasse, o menino ainda disse:

– E depois eu contei pra Sandrinha e ela brigou comigo no ônibus. Falou pra não falar a palavra *aborto* na frente dela nunca mais... E também falou que o presidente roubou pra construir a arena, que foi *eleterero*... Louca!

Louca nada, na verdade, Sandrinha estava somente fora de si, o acontecido na escola carregava seu drama pessoal às raias do total absurdo. Durante o horário de recreio, ao procurar por Jonas na escola, o encontrou aos beijos com Camila em um canto do ginásio. As duas quebraram o pau, Sandrinha tentou bater em Jonas também, e o que era amizade por uma e paixão pelo outro, só restou um sentimento de raiva para com ambos.

– Filha, onde está teu juízo? E se essa menina te dá uma pancada na barriga, imagina o que pode acontecer? – interrogou a mãe ao ouvir o relato da filha, a sós, em seu quarto. De maneira sarcástica e pouco educada, Sandrinha respondeu:

– Aí eu perderia o bebê exatamente como você quer... Resolveria *teu* problema!

– Não fala assim, filha.

– Falo sim! Não é verdade por acaso?

Por acaso era. Acabar com a gravidez e o próprio sofrimento da filha era tudo que Júlia tinha em mente, mas não dessa maneira assim violenta, é claro. Não por menos desejava que a filha tomasse logo o remédio que a permitisse abortar com o mínimo de sofrimento possível.

Fato era que a briga com Jonas mudava o panorama da conversa entre mãe e filha do dia anterior. Para Júlia, simplificava ainda mais as coisas, já que o pai da criança não demonstrava mais interesse pela filha e sequer sabia da gravidez, aliás, ainda bem que ninguém mais sabia, que se abortasse e se tratasse de esquecer essa história o quanto antes. Seria um segredo de mãe e filha, prometeu Júlia. Promessa que não se resumiu ao segredo, mas na disposição em cuidar da filha, a começar por levá-la ao ginecologista

para pudesse tomar pílula e evitar nova problemática igual no futuro, passando por ajudá-la pessoalmente nos estudos para que conseguisse passar de ano e, por fim, se comprometendo a buscar ajuda profissional, um professor particular para ajudá-la estudar e uma terapeuta com quem pudesse conversar.

Sandrinha deu ouvidos à sua mãe, sabia que ela tinha razão. Ter um filho aos 14 anos de idade – 15 quando nascesse – mudaria radicalmente sua vida para sempre. Ter um filho não era como brincar de casinha, significava deixar os dias de criança para trás e levar uma vida de adulta – o que certamente não seria fácil conforme a mãe insistia em dizer.

– Mas se eu quisesse ter esse filho, você não me ajudaria a criá-lo?

– Claro que sim, minha filha, afinal, não estamos falando de qualquer criança e sim de meu neto – confortou Júlia.

Talvez lidar com o bebê, apesar de certamente trabalhoso, não fosse o maior problema exceto pelas despesas com fraldas, papinha e outros cuidados mínimos indispensáveis. Mas como lidar com os amigos, os colegas da escola ou mesmo o pai da criança? Pai que, de instante, sequer tinha ciência dos fatos ou se sabia se estaria disposto a assumir a paternidade e ajudar a criar o filho, nem que fosse, ao menos, contribuindo com uma pensão mensal.

– Se ele não quiser assumir, dá pra denunciar naquele programa de teste de DNA da TV – disse a jovem referindo-se ao programa do Ratinho.

– Não brinca, minha filha. O papo é sério.

Esses últimos fatores baseavam o apelo de Júlia para que a filha abortasse. Na visão da mãe, Sandrinha tinha toda sua juventude pela frente para curtir antes de se comprometer em criar um filho. Todavia, na mente da jovem, para tudo haveria de existir uma saída. Quanto aos amigos, não deixariam de sê-lo só porque se tornaria mãe, era de esperar que a apoiassem fosse qual fosse sua decisão. Já os colegas da escola, as fofocas dos professores ou o risco de perder o ano, poderia, talvez, deixar de estudar por um ano para se dedicar à gravidez e aos primeiros meses de vida do bebê, depois retomar os estudos em outra escola onde já seria mãe quando iniciasse, assim evitando ter de lidar com explicações, possíveis zombarias, fofocas e olhares recriminadores de seus atuais colegas ou mesmo professores.

– Você acha que já vai dar pra notar minha barriga até dezembro?

– Com certeza. Mas como seu corpo é esguio, até daria pra disfarçar com as roupas certas.

– Será que dá pra continuar no vôlei?

– Filha, você está grávida e não doente.

Quanto ao seu pai, o irmão e sua família, incluindo os avós, seus tios e os primos mais próximos, certamente receberiam a novidade com um choque, mas não haveria de ser nada que, com o tempo, não se acostumassem. Havia ainda outro detalhe:

– A *bisa* não se casou com 13 anos? E teve o tio Zé com 14? Então por que eu não poderia também? – questionou Sandrinha à mãe.

– Porque sua situação é totalmente diferente da sua bisavó. Você não vive em uma cidadezinha onde Judas perdeu as botas como ela morava – disse em referência ao vilarejo de Três Rios, bem no interiorzão de São Paulo, próximo ao Mato Grosso do Sul. Júlia acrescentou: – Naquele tempo era comum casar jovem, ao menos lá, né? Se aparecia um pretendente, se casava de uma vez. Hoje as coisas são diferentes.

O que era verdade, ainda assim, não dirimia as dúvidas de Sandrinha. Apesar de compreender as razões da mãe, a garota estava literalmente sem ideia do que fazer, de qual decisão tomar.

Ao perceber a dúvida da filha, apesar dos contras que elencou, ao menos uma coisa era ponto passivo na visão de Júlia: a filha não poderia desperdiçar sua vida assim por um deslize momentâneo.

– Pense no que você tem passado nessas últimas semanas: a aflição, a sua *deprê* desde que começou essa história com o Jonas. Você tá correndo risco de perder o ano e ainda assim pensa que pode lidar com um filho? Não dá, filha. Você não pode deixar tudo de lado por causa disso. Acredite em mim – apelou Júlia.

– OK, mãe. Você tem razão quanto a isso, eu deveria ter te contado antes. Mas, vamos combinar? Me deixa pensar direitinho, refletir e... Prometo que, quanto a escola, vou tratar de recuperar as notas, vou provar pra você, e pro papai, que posso ser responsável e passar de ano.

– Você tem amanhã o dia todo pra pensar, você e seu irmão. Afinal, estão suspensos da escola. Que isso não se repita, viu?

O remédio

Na quinta-feira, Sandrinha pensou, e muito. Entretanto, não chegou a qualquer decisão definitiva. Em dado instante, desencanou de pensar e tratou dos problemas que considerava solúveis, assim, passou o dia estudando e tentando botar em dia as matérias da escola. Estava determinada a não perder o ano, especialmente para o caso de precisar deixar as aulas no ano seguinte, pois se seria ruim perder um ano por causa da gravidez, perder dois seria bem pior.

Após a longa conversa no dia anterior, Júlia preferiu não mais insistir com a filha, pelo contrário, procurou dar todo espaço que ela precisava para repensar sua vida. Por outro lado, continuou tratando a questão pelo pressuposto de que, quando caísse em si, a filha acabaria concordando em abortar o bebê. Durante a tarde, foi ao centro da cidade para comprar o medicamento abortivo, queria tê-lo em mãos para o instante em que Sandrinha se convencesse em tomá-lo. Quando retornou com o remédio, nada falou para a filha, esperou que ela tocasse no assunto, o que não veio acontecer.

Já no dia seguinte, a sexta-feira, exceto pela gravidez da filha, as coisas voltaram a sua normalidade. Os filhos retomaram as aulas após cumprirem a suspensão do dia anterior e não criaram novos problemas na escola. Somente pela tarde Júlia voltou a tocar no assunto com a filha, perguntou se ela já tinha pensado o suficiente e chegado a alguma conclusão. Para sua tristeza, Sandrinha disse que não. Frente a isso, a mãe lhe mostrou o remédio e explicou como ministrá-lo, então teceu um ultimato:

– Você sabe que a médica disse que você tinha até domingo, no mais tardar, pra tomar essa pílula. Se não, a única opção é o processo cirúrgico – disse com firmeza, então, comunicou: – Se for o caso, a gente vai ter que falar com seu pai... Aí já viu, né?
– Irritada com a pressão da mãe, Sandrinha respondeu:

– *Eu sei, mãe!* Eu sei... Até lá eu tomo essa *maldita* pílula, depois do jogo. Ou você quer que, de repente, eu tenha um piripaque no meio da arena, ora?

Frente às palavras da filha, Júlia se calou. Afinal, o jogo era amanhã, sábado, às 11 horas. Não custava aguardar mais algumas horas.

O dia do jogo

Logo sábado amanheceu, o dia do jogo, dia de decisão. Roberto chegou à casa dos filhos bem cedo, às 7 horas em ponto, bem na hora do café. Veio todo animado, vestido

com o uniforme do Coringão, o bandeirão do time nas costas e alguns rojões a tiracolo, tudo para fazer do dia uma autêntica festa.

– “*Vamos Timão, Vamos Timão... Vamos ser campeão*”! – cantarolou para os filhos logo que entrou em casa. Quem abriu a porta foi Sandrinha, ainda com sono, resmungou ao pai:

– O jogo é só as 11, o que você tá fazendo aqui tão cedo?

– Eu não quero ficar preso em fila pra conseguir entrar no estádio com 15 ou 30 minutos de jogo. Ademais, a gente ainda tem que encontrar a Márcia no metrô. Combinei com ela as nove lá na Sé.

Justificado o cedo da hora, a família se reuniu em torno da mesa para tomar café enquanto assistiam a um DVD trazido pelo pai com glórias do Coringão desde 1977. Não bastasse a confiança na vitória do time do coração, o pai ainda prometeu que levaria todos para lanchar se o time vencesse.

– Naquela lanchonete que tem aquele milk-shake gigante? – questionou Will.

– Naquela mesmo – confirmou o pai. O filho vibrou alto de alegria.

Às 8 horas em ponto, os três saíram de casa. Will e o pai estouraram alguns rojões na vila para acordar os vizinhos, Sandrinha não quis se arriscar. Em seguida, tomaram o caminho para o estádio.

Apesar de ansiosa para assistir ao jogo e conhecer a nova arena do Coringão, Sandrinha alternava instantes de desânimo e apreensão em torno de seus pensamentos e o bebê que carregava na barriga, com momentos de alegria contagiada pelo humor do pai e do irmão. Will estava em êxtase, louco para chegarem o quanto antes na arena. Antes das nove, o trio já estava na estação Sé onde Márcia os esperava. Dali, o quarteto tomou o trem que os deixaria nas proximidades do estádio.

Durante o trajeto, a atmosfera do jogo absorveu completamente o grupo, só tinha torcedores do Coringão no vagão e, pelas ruas, dava para observar a multidão com as cores do time, preto e branco, formando uma autêntica procissão rumo à arena, fosse a pé ou de carro. Will gritava pela janela e sinalizava para eles, estava animado como poucas vezes em sua vida. Ao contrário de Sandrinha, às vezes perdida atrás de seu semblante. O único momento de apreensão foi quando o garoto comentou para Márcia a respeito do *bullying* que sofreu dos colegas da escola.

– Eles ficaram me zuando porque a arena foi construída com dinheiro do governo, o estádio do Verdão não – comentou Will.

– Isso é bobagem. O que importa é que agora o Coringão tem o seu próprio estádio – disse Márcia, confortando o garoto. – Inveja deles porque nossa arena foi a arena da Copa, a deles não.

– E das Olimpíadas também, no futebol feminino – acrescentou Sandrinha.

– Bem lembrado – disse Roberto.

Quando chegaram à estação próxima ao estádio, só tinha torcedores do Coringão, não se via um único torcedor do rival. O que era esperado, pois poucos ingressos haviam sido disponibilizados para a torcida do Verdão com o intuito de evitar confrontamentos e brigas entre torcedores rivais no acesso à arena. Os poucos torcedores do Verdão que conseguiram ingresso seriam escoltados pela polícia até a entrada que ficava do outro lado da arena, por isso não se via ninguém de verde nas proximidades.

– Hoje é tudo nosso! – bradou Roberto a respeito.

Ainda assim, quando subiam a rampa que levava à entrada do setor de arquibancadas, o quarteto precisou aguardar uma ação da tropa de choque para conter uma briga entre duas facções rivais da torcida organizada do Coringão. Assustados, os quatro se esconderam em um canto enquanto a polícia agia para controlar o tumulto. Em dado instante, uma bomba de gás lacrimogêneo explodiu sob um forte estrondo não muito distante de onde estavam. No momento da explosão, instintivamente, Sandrinha levou as mãos à barriga. Depois recolheu rapidamente, temendo que seu pai notasse algo. Com medo, Will abraçou Márcia enquanto Roberto pedia calma a todos.

Controlada a confusão, eles seguiram até a entrada da arena e tomaram seus lugares na arquibancada superior.

A nova arena do Coringão era espetacular, desde o acesso por um amplo corredor com paredes de mármore, parecia um castelo, até a visão do gramado como um perfeito tapete, tudo era magnífico aos olhos dos marinheiros de primeira viagem: as cores em preto e branco que caracterizavam o cenário; o telão; a própria arquitetura da arena, moderna e imponente; a cobertura que parecia tirada de um filme de ficção-científica e, especialmente, a atmosfera contagiante da torcida, as faixas das organizadas, o pessoal pintado e enrolado em bandeiras; tudo. Sandrinha e Will, junto ao pai, já tinham assistido o Coringão jogar no Pacaembu e no Morumbi. Mas, pelo que observavam ao redor, nenhum dos dois estádios se comparava à nova arena do Coringão. No Morumbi, o campo ficava muito distante da arquibancada, já no Pacaembu, nem tanto, mas, na

nova arena, parecia que estavam dentro do gramado, quase como se a torcida fizesse parte do jogo.

A hora do jogo foi se aproximando e a arena foi enchendo até não sobrar nenhum lugar vazio. Enquanto a partida não começava, a diversão era acompanhar a movimentação da torcida, cantar e gritar os cânticos de guerra em prol do time. Na falta de bandeiras, pois a polícia não deixava ninguém entrar no estádio com paus ou qualquer tipo de mastro, a multidão acenava com faixas e camisas ou agitava os braços sem parar – não faltou também a famosa *ola* pra fazer a galera se animar.

De onde estavam, na arquibancada mais alta, desfrutavam de uma panorâmica completa do estádio, inclusive dos poucos torcedores do Verdão que ocupavam um dos cantos na arquibancada do lado oposto. Toda vez que eles se manifestavam, o restante da torcida vaiava e começava a cantar mais alto para não permitir que fossem ouvidos.

Enfim, faltando alguns minutos para o início da partida, as duas equipes apareceram no gramado. A torcida recepcionou o time com fumaça preta e branca, depois abriu um enorme bandeirão, cobrindo a arquibancada quase inteira. Um drone com uma flâmula do Coringão levou o público ao êxtase ao sobrevoar o campo de pertinho. Um espetáculo como Will e Sandrinha jamais haviam presenciado.

A alegria e o entusiasmo só baixaram um pouco quando, enfim, a partida começou. Embora a torcida não parasse de gritar empurrando o time, era possível captar a ansiedade e a tensão no semblante dos torcedores, afinal, o jogo era decisivo, o Coringão tinha que ganhar de qualquer jeito, se perdesse, o Verdão ultrapassaria o time no topo da tabela. Márcia roía as unhas sem parar e Roberto extravasava seu nervosismo gritando a cada lance, pedindo raça aos jogadores, vibrando a cada dividida e, sem se importar com a presença dos filhos, que já estavam acostumados com o jeitão do pai, xingando o árbitro a cada marcação contra seu time. Will fazia coro às manifestações do pai, se mostrava mais nervoso que ele e soltava alguns palavrões sem se envergonhar. Já Sandrinha se concentrava no jogo, quieta, apenas mirando seus companheiros com apreensão cada vez que o adversário avançava para o ataque.

O Verdão era claramente melhor, um elenco de craques, bem superior ao Coringão. Em uma envolvente troca de passes, um calafrio coletivo tomou a torcida quando o centroavante adversário saiu cara a cara com o gol... Graças a Deus! O goleiro pegou, pra alívio geral! Na força e no embalo da torcida, o Coringão buscava se superar ao rival, até que, em uma bola cruzada na área, que parecia se perder pela linha fundo, o

raçudo atacante alvinegro entrou de carrinho com bola e tudo pra dentro do gol: 1x0 Coringão!

– *GOL, PAI! GOL!* – vibrou Will.

O gol foi um momento único, uma explosão sonora da arena como nunca antes os dois caçulas da família haviam vivenciado, de arrepiar. Todos se abraçaram em êxtase, gritaram e seguiram em pé assistindo ao jogo pulando e vibrando com o time. Na comemoração dos jogadores, deu vontade de invadir o campo pra celebrar junto caso fosse possível.

– Vai Coringão! – gritaram em coro.

Com a torcida enlouquecida após o gol, o Coringão passou a dominar completamente a partida e foi com tudo pra cima do Verdão, jogando como não se via tão bem nos últimos jogos. Não demorou e, um escanteio, uma bola alçada na área e lá estava o zagueirão pra marcar de cabeça: 2x0.

O 2x0 fez com que o entusiasmo se tornasse ainda mais insano, virou pura euforia pela vitória, a certeza de que o título do campeonato já estava garantido, nada mais poderia segurar o Coringão.

– Calma! Tem muito jogo ainda – disse Sandrinha, tentando conter a alegria apesar da vantagem no placar.

A jovem estava certa, havia muito jogo pela frente. Apesar da atmosfera absolutamente desfavorável em função da empolgação da torcida na arena, o Verdão conseguiu diminuir o placar para 2x1 e certa apreensão retornou em meio aos torcedores. O primeiro tempo acabou assim, Coringão na frente por um gol.

No intervalo, apesar da vantagem, Roberto e a turma contiveram um pouco do ânimo, o jogo não estava ganho e tinha todo segundo tempo a ser disputado. Um golzinho, o empate, e tudo iria água abaixo, o campeonato estaria em risco e não haveria celebração no fim do dia. Apesar do clima de apreensão, a festa da torcida continuou igual até o início da etapa final, os gritos pelo time ecoavam mesmo no banheiro e, o hino, cantarolado até na fila pra comprar refrigerante – o otimismo era geral. Até mesmo Sandrinha, que no começo ficou mais na sua, acabou contagiada e, no embalo do irmão, do pai e da tia Márcia, começou e não mais parou de cantar e vibrar.

Nesse entusiasmo todo, o segundo tempo começou na mesma toada do primeiro, com o Coringão empurrado pela torcida, ganhando cada dividida na raça, se impondo sobre o adversário. Dava gosto de ver a disposição do time e a empolgação da torcida, vibrando lance a lance como se colocassem a própria vida em campo. Essa disposição

toda foi premiada quando, para alegria geral do público na arena, enfim o Coringão marcou o terceiro gol: 3x1. A partir daí, o restante do jogo foi só festa da torcida, qualquer temor que ainda pairava no ar se dissipou completamente. O Coringão estava jogando muito e não dava o mínimo espaço para o Verdão reagir, não tinha mais como a vitória escapar. Nos minutos finais, Roberto e Márcia se juntaram em um abraço com Will e Sandrinha – “E o bebê”, pensou ela. Assim juntos trocando boas vibrações, com fé, apenas aguardaram o apito final do árbitro para celebrar.

– *Agora ninguém mais tasca essa de nós!* – disse Roberto aos filhos com firmeza nas palavras.

– Vai, Coringão! Vai! Só falta mais um pouquinho... – gritou Márcia.

O Verdão ainda conseguiu marcar mais um gol, um gol-contra, mas a festa era tanta que os quatro nem viram, nem se importaram. O Coringão segurou o adversário nos minutos finais até que, sob o brado de euforia da torcida, o árbitro apitou consumando a vitória sobre o arquirrival. Com o resultado, assegurando a conquista do campeonato.

– É campeão! É Campeão! – gritaram os quatro, aos pulos.

Apesar de terminado o jogo, a festa na arquibancada continuou, todos celebrando a magnífica vitória e a conquista antecipada do título. O bandeirão desceu de novo, o drone reapareceu e os jogadores deram uma volta olímpica para agradecer a força da torcida e comemorar o feito. Nesse instante, verdadeiramente emocionados com a glória do time de coração, Will e a irmã se abraçaram como poucas vezes se davam no dia a dia. De brincadeira, Sandrinha falou para o irmão:

– Tá vendo como não tinha nada que ter medo? O estádio não vai “desabar”, só se for de alegria... – disse ela sorrindo, o apertando ainda mais entre os braços.

– Somos campeões! Somos campeões! – falou empolgado o garoto.

Pensando nas bobagens que havia dito o irmão, Sandrinha voltou seu olhar para a torcida e a linda festa que se espalhava pelas arquibancadas. Ainda que a arena fosse um *aberto* como zombaram seus colegas, nada modificava a emoção vivida durante o jogo e a contagiante atmosfera de felicidade que tomava o povo e a si mesma em meio ao deslumbrante palco a sua frente. Não havia nada igual ou tão sublime como a emoção que sentia nesse momento.

Fim

O Autor

Pedroom Lanne é um cidadão paulistano, comunicador e escritor romancista. É especialista em novas mídias e já trabalhou com ensino como professor universitário. Atualmente se dedica à literatura, sua principal obra é a duologia de ficção-científica “Adução, o Dossiê Alienígena”, lançada em 2015, e “Abdução, Relatório da Terceira Órbita”, lançada em 2018.

Para maiores informações sobre o autor e sua produção intelectual, visite seu site pessoal na Internet através do endereço: www.pedroom.com.br.